



“A PAZ ESTÁ NA BOA EDUCAÇÃO”

**OBRAS INDICADAS PELA
COPEVE - UFPI
RESUMO DAS OBRAS
*SENHORA***

José de Alencar

SENHORA

José de Alencar

LOCALIZAÇÃO DA OBRA NO ESTILO DE ÉPOCA

Embora apresente alguns elementos característicos do Realismo, Senhora é um romance basicamente romântico, como mostraremos neste primeiro item.

Dos prosadores românticos da literatura brasileira, Alencar sem dúvida avulta como o mais importante dentre eles, não só pelo seu nacionalismo, dando prioridade à temática brasileira como pelo seu estilo vigoroso, elegante e pomposo, que sobressai dentre seus contemporâneos.

Sua obra de ficção é vasta e fecunda, onde avulta o romance como seu principal meio de expressão. Numa classificação mais ou menos pessoal, pode dividir os seus romances em quatro categorias:

- a) indianistas: O Guarani, Iracema, Ubirajara;
- b) históricos: As Minas de Prata, A Guerra dos Mascates, Alfarrábios (compõem-se de três narrativas menores: O Garatuja, O Ermitão da Glória e Alma de Lázaro);
- c) regionalistas: O Gaúcho, O Sertanejo, O Tronco do Ipê, Til;
- d) urbanos: A Viuvinha, A Pata da Gazela, e os três seguintes que procuram delinear um perfil de mulher, onde se acha o nosso romance: Diva, A Pata da Gazela, Sonhos d'Ouro, Lucíola, Senhora, Encarnação (publicação póstuma).

Os romances urbanos, que nos interessam mais de perto, têm como cenário a corte, ou seja a cidade do Rio de Janeiro do Segundo Reinado... É neles que se mostram com maior evidência os ingredientes amorosos românticos, como atesta o ferrenho alencariano, Oscar Mendes: "Como no período romântico não se compreendesse um romance que não tivesse uma intriga amorosa, todos os romances urbanos de Alencar são romances de amor, do amor, como entendia a mentalidade romântica da época, um amor, sublimado, idealizado, capaz de renúncias, de sacrifícios, de heroísmos e até de crimes, mas redimindo-se pela própria força acrisoladora de sua intensidade e de sua paixão.

Publicado em 1875, Senhora é um dos últimos romances de Alencar.

BIOGRAFIA DE JOSÉ DE ALENCAR

José de Alencar, advogado, jornalista, político, orador, romancista e teatrólogo, nasceu em Mecejana, CE, em 1º de maio de 1829, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 12 de dezembro de 1877. É o patrono da Cadeira n. 23, por escolha de Machado de Assis.

Era filho do padre, depois senador, José Martiniano de Alencar e de sua prima Ana Josefina de Alencar, com quem formara uma união socialmente bem aceita, desligando-se bem cedo de qualquer atividade sacerdotal; neto, pelo lado paterno, do comerciante português José Gonçalves dos Santos e de D. Bárbara de Alencar, matrona pernambucana que se consagraria heroína da revolução de 1817. Ela e o filho José Martiniano, então seminarista no Crato, passaram quatro anos presos na Bahia, por sua adesão ao movimento revolucionário irrompido em Pernambuco.

As mais distantes reminiscências da infância do pequeno José mostram-no lendo velhos romances para a mãe e as tias, em contato com as cenas da vida sertaneja e da natureza brasileira e sob a influência do sentimento nativista que lhe passava o pai revolucionário. Entre 1837-38, em companhia dos pais, viaja do Ceará à Bahia, pelo interior, e as impressões dessa viagem refletir-se-iam mais tarde em sua obra de ficção.

Transferiu-se com a família para o Rio de Janeiro, onde o pai desenvolveria carreira política e onde freqüentou o Colégio de Instrução Elementar. Em 1844 vai para São Paulo, onde permanece até 1850, terminando os preparatórios e cursando Direito, salvo o ano de 1847, em que faz o 3o ano na Faculdade de Olinda. Formado, começa a advogar no Rio e passa a colaborar no Correio Mercantil, convidado por Francisco Otaviano de Almeida Rosa, seu colega de Faculdade, e a escrever para o Jornal do Commercio os folhetins que, em 1874, reuniu sob o título de Ao correr da pena. Redator-chefe do Diário do Rio de Janeiro em 1855. Filiado ao Partido Conservador, foi eleito várias vezes deputado geral pelo Ceará; de 1868 a 1870, foi ministro da Justiça. Não conseguiu realizar a ambição de ser senador, devendo contentar-se com o título do Conselho. Desgostoso com a política, passa a dedicar-se exclusivamente à literatura.

A sua notoriedade começou com as Cartas sobre a Confederação dos Tamoios, publicadas em 1856, com o pseudônimo de Ig, no Diário do Rio de Janeiro, nas quais critica veementemente o poema épico de Domingos Gonçalves de Magalhães, favorito do Imperador e considerado então o chefe da literatura brasileira. Estabeleceu-se, entre ele e os amigos do poeta, apaixonada polêmica de que participou, sob pseudônimo, o próprio Pedro II. A crítica por ele feita ao poema denota o grau de seus estudos de teoria literária e suas concepções do que devia caracterizar a literatura brasileira, para a qual, a seu ver, era inadequado o gênero épico, incompatível à expressão dos sentimentos e anseios da gente americana e à forma de uma literatura nascente. Optou, ele próprio, pela ficção, por ser um gênero moderno e livre.

Ainda em 1856, publica o seu primeiro romance conhecido: Cinco minutos. Em 1857, mostra-se um escritor mais maduro com a publicação, em folhetins, de O Guarani, que lhe granjeou grande popularidade. Daí para frente escreveu romances indianistas, urbanos, regionais, históricos, romances-poemas de natureza lendária, obras teatrais, poesias, crônicas, ensaios e polêmicas literárias, escritos políticos e estudos filológicos. A parte de ficção histórica, testemunho da sua busca de tema nacional para o romance, concretizou-se em duas direções: os romances de temas propriamente históricos e os de lendas indígenas. Por estes últimos, José de Alencar incorporou-se no movimento do indianismo na literatura brasileira do século XIX, em que a fórmula nacionalista consistia na apropriação da tradição indígena na ficção, a exemplo do que fez Gonçalves Dias na poesia. Em 1866, Machado de Assis, em artigo no Diário do Rio de Janeiro, elogia calorosamente seu romance Iracema, publicado no ano anterior. José de Alencar confessa a alegria que lhe proporcionou essa crítica em Como e porque sou romancista, onde apresenta também a sua doutrina estética e poética e dá um testemunho de quão consciente era a sua atitude em face do fenômeno literário. Machado de Assis sempre teve José de Alencar na mais alta conta e, ao fundar-se a Academia Brasileira de Letras, em 1897, escolheu-o como patrono de sua Cadeira.

Sua obra é da mais alta significação nas letras brasileiras, não só pela seriedade, ciência e consciência técnica e artesanal com que a escreveu, mas também pelas sugestões e soluções que ofereceu, facilitando a tarefa da nacionalização da literatura no Brasil e da consolidação do romance brasileiro, do qual foi o verdadeiro criador. Sendo a primeira figura das nossas letras, foi chamado "o patriarca da literatura brasileira". Sua imensa obra causa admiração não só pela qualidade, como pelo volume, se considerarmos o pouco tempo que José de Alencar pôde dedicar-lhe numa vida curta. Faleceu no Rio de Janeiro, de tuberculose, aos 48 anos de idade.

Obras: Romances urbanos: Cinco minutos (1857); A Viuvinha (1860); Lucíola (1862); Diva (1864); A Pata da Gazela (1870); Sonhos d'Ouro (1872); Senhora (1875); Encarnação (1893, póstumo).- Romances históricos: As Minas de Prata (1865); Alfarrábios (1873); Guerra dos Mascates (1873). Romances indianistas: O Guarani (1857); Iracema (1865), Ubirajara (1874). Romances

regionalistas: O Gaúcho (1870); O Tronco do Ipê (1871); Til (1872); O Sertanejo (1875).

SENHORA DE RAIOS E RÉIS

Graça Paulino*

Senhora, romance que José de Alencar escreveu há mais de cem anos, conta um caso de amor quase golpe do baú, ou um caso de golpe de baú quase de amor. O que distingue também esse caso é que ele não é conduzido de um ponto de vista masculino: a mulher, aparentemente próxima ao estado de objeto, exige o tempo inteiro a condição de sujeito da história.

Esta história, como o leitor há de reparar, começa com um pedido de desculpas do Autor, que, cansado de críticas ao folhetim - tipo de narração exuberante e sedutora, capaz de interessar aos leitores comuns e às experiências de escritores da época - afirma ser verdadeiro o caso que conta, a partir de confidências "dos principais autores desse drama curioso". Entretanto, o Autor justifica, de antemão, o "heroísmo de virtude na altivez dessa mulher, que resiste a todas as seduções, aos impulsos da própria paixão, como ao arrebatamento dos sentidos". Está construído, ainda no prefácio do Autor, o perfil incomum e resoluto de personagem feminina, capaz de fazer "brochar" qualquer homem que pense e crie suas artes contra ela. A Senhora de Alencar e de seus leitores chama-se Aurélia Camargo: inteligente como Ulisses, diante dos feitiços interesseiros, bela como Circe, diante dos mortais depreciados, alia a sedução à inteligência, como só mulheres especialmente afirmativas saberiam fazer. Mais: Aurélia alia à sedução e a inteligência (aliás, perfeitamente verossímeis na personagem) uma qualidade que seres superiores como ela de fato desprezariam: grande quantidade de dinheiro, obtida por herança tardia. Isso a torna, ainda mais, um sujeito "especial" na história da sociedade brasileira, contada por José de Alencar, no século passado.

O outro da história, o Homem com maiúscula, capaz de conduzir-se por interesses socialmente corriqueiros no casamento é Fernando Seixas. Trata-se apenas de rapaz jovem, inteligente e belo, que se deixa levar por uma vida de etiqueta e ostentação. Forçado pela condição de funcionário público com baixo salário, aliado à promessa de aposentadoria, Fernando vive em prol de um futuro prazeroso: bailes, jantares finos, elegância, etiqueta, bom-tom. Despertado seu coração pelo Amor de certa moça pobre, resguarda-se, em nome de vida melhor. Quando este "dote", aliás de trinta contos de réis, é ultrapassado por outro, de cem, sua única hesitação deriva da incerteza sobre os dotes físicos da "escolhida". Quão agradável não é sua surpresa, quando lhe apresentam a disputada Aurélia Camargo?

Já lhe merecera esta o namoro e o noivado. Ele a tinha deixado apenas por ser pobre. Existe, então, da parte dele, o verdadeiro amor? Ou se trata de "golpe do baú"? Os leitores de Senhora que o digam.

Se se tratar de leitor ávido por histórias "lucrativas", isto é, envolventes, cedo perceberá a boa condução do caso pelo narrador. Aurélia é apresentada como mulher sensível, amorosa, bonita, jovem e lúcida, com relação a seus dotes e a seu dote. Fernando, por sua vez, também se apresenta como homem inteligente, interessante e suscetível a alterações internas e externas da vida. Ele tem uma mácula que o narrador lhe desculpa: ter sido capaz de entregar-se aos prazeres da sociedade, de modo a assumir, como suas, a leviandade e a corrupção que eram "naturais" para certa elite econômica da época.

É dessa ambivalência, aliás, que resulta a maior força desse caso de amor/engano: não há partido que o leitor possa tomar, de modo a dividir a história entre inocentes e culpados. Charmosos e sensíveis, os protagonistas mostram ao leitor valores que não dependem da condição sexual ou econômica de cada um, mas da retomada de uma identidade perdida, por certo tempo, entre as

ruínas morais de corte. São personagens criadas com talento suficiente para fazer o leitor deslocar-se com elas do espaço social mesquinho e desumanizado para outro lugar: o do diálogo.

Alencar, com toda a habilidade de exímio folhetinista, deixa-nos até hoje presos ao fio de sua Ariadne/Aurélia, capaz de ficar a janela seduzindo um passante como seu possível noivo para, depois, ficar à espreita de outro momento de condução da vontade alheia, através da fortuna que passa a pertencer-lhe por herança. Também Fernando Seixas não cansa de demonstrar-nos o aviltamento a que chegou por considerar a riqueza "como a primeira força viva da existência". Que importância terá o amor neste caso? Exatamente a de funcionar para que se ultrapassem tais limitações sócio-econômicas.

Decerto Alencar teve e terá leitores que, julgando naturais os interesses extra-afetivos ligados ao casamento, fiquem perguntando-se por que Aurélia e Fernando tiveram de sofrer um destino pesado. O próprio narrador parece, em certa parte do texto, conduzir o leitor a esse tipo de surpresa: "mas parecia tudo tão certo!" Diferente pode ser, entretanto, a leitura deste caso: o destino das personagens dói como o de quaisquer membros de uma sociedade em crise, cujos interesses precisam ser ultrapassados, para que cada um possa finalmente conhecer e amar a si e ao outro.

Assim, em torno dessas duas personagens típicas do Brasil de ontem e de hoje, Senhora traça um perfil social amargo e romântico, que diz respeito a qualquer leitor capaz de reconhecer seus pares na história. Não estaria de fora dela quem já se casou, quem pensa um dia casar-se, ou mesmo quem se sente melhor em distância crítica desses impasses, que a vida e seus textos costumam reservar a leitores e a outras entidades.

*Graça Paulino é Doutora em Teoria Literária pela UFRJ e professora do Departamento de Semiótica e Teoria da Literatura da UFMG.

SENHORA (RESUMO)

O tema deste romance - o casamento por interesse - condiciona sua composição. Ele divide-se em quatro partes, que correspondem às etapas de uma transação comercial: O Preço, Quitação, Posse e Resgate.

Fernando Seixas, um rapaz pobre, mas ambicioso de subir na escala social, é namorado de Aurélia, moça também humilde e órfão de pai. Passando por apuros financeiros, Seixas aceita, por um dote de trinta contos, a proposta de casamento com Adelaide Amaral. Mas o destino prepara-lhe uma peça: Aurélia, a noiva preterida, recebe um inesperada herança do avô paterno e torna-se uma das mais disputadas moças do Rio de Janeiro.

Dividida entre o amor e o orgulho ferido, ela encarrega seu tutor, o tio Lemos, de negociar seu casamento com Fernando por um dote de cem contos. O acordo realizado inclui, como uma de suas cláusulas, o desconhecimento da identidade da noiva por parte do contratado até as vésperas do casamento. Na noite de núpcias Aurélia pôde completar seu plano, humilhando o marido comprado e impondo-lhe as regras da convivência conjugal: em casa seriam dois estranhos; para a sociedade fingiriam a felicidade de um casal perfeito. Fernando submete-se às determinações de sua senhora, mas readquire seu orgulho e põe-se a trabalhar para reunir o dinheiro necessário ao seu resgate.

No final, quando devolve o dote a Aurélia, ela lhe mostra o testamento que fizera no dia do casamento, nomeando-o seu herdeiro universal. É a prova de seu amor. Estão ambos redimidos de seus erros. "As cortinas cerram-se, e as auras da noite, acariciando o seio das flores, cantam o hino misterioso do santo amor conjugal.

O FOCO NARRATIVO UTILIZADO EM SENHORA

José de Alencar escreveu o livro em terceira pessoa, com o narrador se permitindo a onisciência, ou seja, narrando os fatos de fora e, ao mesmo tempo, de dentro, quando penetra na interioridade de diferentes personagens. Sugerimos como exemplo este trecho na página 27:

"Opôs-se formalmente Aurélia; e declarou que era sua intenção viver em casa própria, na companhia e D. Firmina Mascarenhas.

- Mas atenda, minha menina, que ainda é menor.

- Tenho dezoito anos.

- Só aos vinte e um é que poderá viver sobre si e governar-se.

- É a sua opinião? Vou pedir ao juiz que ele há de atender-me.

A vista desse tom positivo, o Lemos refletiu, e julgou mais prudente não contrariar a vontade da menina. Aquela idéia do pedido ao juiz para remoção da tutela não lhe agrada. Pensava ele que às mulheres ricas e bonitas não faltam protetores de influência."

Características Psicológicas dos Principais Personagens

Por Fábio Fernandes Dantas Filho

AURÉLIA

Aurélia era uma mulher diferente. Diferente de todas as outras que naquela época viviam. Era como uma estrela, das mais bonitas e mais brilhantes, não julgada pela intensidade com que sua luz brilha mas, pelo modo com que esta o faz. Era uma mulher daquelas que por onde passa, a todo encanta. Era uma mulher que seduzia a quem pudesse ter a honra de observá-la. Mas junto a esta sua característica tão marcante, ainda mais marcante era quanto a sua maneira de agir e de pensar, já era tão linda e especial quanto a era na sua determinação e no seu jeito de querer opor-se a algumas regras determinadas pela sociedade mas que não agradavam-lhe. Aurélia era aquele tipo de mulher que a todos pode dominar e que tem tudo o que quer ter, possuindo uma lábia, um jeito seu que domina as pessoas que rodeiam-lhe. Mais superficialmente, ela era educada, delicada corajosa, elegante, informada, inteligente, experiente...Era com certeza, alguém que nasceu para a riqueza e para a alta sociedade, e talvez, a característica que consideramos a mais importante, que pode ser a explicação de seu sucesso no domínio das pessoas: a sua frieza.

A seguir, todas estas características de Aurélia serão estudadas e comprovadas com passagens do livro.

Primeiramente, baseando-se na diferença de Aurélia para as outras mulheres, inúmeras citações demonstram isso, como a as primeiras frases do livro, na página 9:

Há anos raiou no céu uma nova estrela.

Desde o momento de sua ascensão ninguém lhe disputou o cetro; foi proclamada a rainha dos salões.

Tornou-se a deusa dos bailes; a musa dos poetas e o ídolo dos noivos em disponibilidade.

A partir dessa sua introdução, o livro ressalta várias vezes essa sua característica de mulher marcante, principalmente entre os homens que a disputam, como mostra esta frase, na página 9/10:

Não a conheciam; e logo buscaram todos com avidéz informações acerca da grande novidade do dia.

E este outro exemplo, na página 10:

Assaltada por uma turba de pretendentes que a disputavam como o prêmio da vitória, Aurélia, com a sagacidade admirável em sua idade, avaliou da situação difícil em que se achava, e dos perigos que a ameaçavam.

Uma característica de extrema importância na formação do caráter de Aurélia é a sua determinação, e a sua capacidade de dominação, o modo como impõe seus desejos às pessoas. Trechos que demonstram essas suas características encontram-se em várias situações decisivas no livro, como nas discussões entre ela e Lemos sobre assuntos diversos como sua tutela (página 27):

Opôs-se formalmente Aurélia; e declarou que era sua intenção viver em casa própria, na companhia e D. Firmina Mascarenhas.

- Mas atenda, minha menina, que ainda é menor.
- Tenho dezoito anos.
- Só aos vinte e um é que poderá viver sobre si e governar-se.
- É a sua opinião? Vou pedir ao juiz que ele há de atender-me.

A vista desse tom positivo, o Lemos refletiu, e julgou mais prudente não contrariar a vontade da menina. Aquela idéia do pedido ao juiz para remoção da tutela não lhe agrada. Pensava ele que às mulheres ricas e bonitas não faltam protetores de influência.

Além dessa muitas outras citações são feitas, como esta na página 31:

- De certo, meu tutor; mas essa aprovação o senhor não há de ser tão cruel que há de ser tão cruel que a negue. Se o fizer, o que eu não espero, o juiz de órfãos a suprirá.
- O juiz?... Que histórias são essas que lhe andam metendo na cabeça, Aurélia?
- Sr. Lemos, disse a moça pausadamente e trepassando com um olhar frio a vista perplexa do velho; completei dezenove anos; posso requerer um suplemento de idade mostrando que tenho capacidade para reger minha pessoa e bens; com maioria de razão obterei do juiz de órfãos apesar de sua oposição, um alvará de licença para casar-me com quem eu quiser. Se estes argumentos jurídicos não lhe satisfazem, apresentar-lhe-ei um que me é pessoal.

E os resultados de sua segurança são claramente percebidos nesta frase de Lemos, na página 34:

- Você é uma feiticeirinha Aurélia, faz de mim o que quer.

E sua determinação é percebida também nesse argumento, na página 37:

-Em todo caso quero que o senhor compreenda bem o meu pensamento. Desejo como é natural obter o que pretendo, o mais barato possível; mas o essencial é obter; e portanto até metade do que possuo, não faço questão de preço. É minha felicidade que vou comprar.

Já quanto á característica opositora de Aurélia, podemos perceber uma de suas revoltas importantes, em relação ao dinheiro, o modo com que pode abrir a todas as portas. Essa revolta é percebida na página 12:

As revoltas mais impetuosas de Aurélia eram justamente contra a riqueza que lhe servia de trono, e sem a qual nunca por certo, apesar de suas prendas, receberia como rainha desdenhosa a vassalagem que lhe rendiam.(...)

Convencida de que todos os seus inúmeros apaixonados, sem exceção de um, a pretendiam unicamente pela riqueza, Aurélia reagia contra essa afronta, aplicando a esses indivíduos o mesmo estalão.

Já quanto a sua educação, são de inúmeros os exemplos citados na narrativa deste livro, como este opinião de dona Firmina, na página 18/19:

- "- Outras muito mais bonitas que ela não chegam a seus pés.

A viúva citou quatro ou cinco nomes de moças que então andavam no galarim e dos quais não ma recordo agora.

- É tão elegante! Disse Aurélia como se completasse uma reflexão íntima.

- São gostos!

- Em todo caso é mais bem educada do que eu?

- Do que você, Aurélia? Há de ser difícil que se encontre em todo o Rio de Janeiro outra moça que tenha sua educação. Lá mesmo, por Paris, de que tanto se fala, duvido que haja.

Aurélia era ainda uma moça extremamente informada, daquelas moças que costumam dominar os mais diversos assuntos do cotidiano como mostra na página 29:

Era realmente para causar pasmos aos estranhos e susto a um tutor, a perspicácia com que essa moça de dezoito anos apreciava as questões mais complicadas; o perfeito conhecimento que mostrava dos negócios, e a facilidade com que fazia, muitas vezes de memória, qualquer operação aritmética por muito difícil e intrincada que fosse.

Sua experiência mostra - se principalmente decorrente das fazes em que tangenciou, sua fase pobre e sua fase rica, como é citado na página 32, durante a conversa de Aurélia e Lemos sobre seu casamento:

- Esqueces que desses dezenove anos, dezoito os vivi na extrema pobreza e um no seio da riqueza pra onde fui transportada de repente. Tenho as duas grandes lições do mundo: a da miséria e a da opulência. Conheci outrora o dinheiro como um tirano; hoje o conheço como um cativo submisso. Por conseguinte devo ser mais velha d que o senhor que nunca foi nem tão pobre, como eu fui, nem tão rico, como eu sou.

E por último, quanto à principal de suas características, sua frieza, encontramos, como em algumas outras vezes, várias citações e situações em que esta sua característica regente é lembrada, como esta quando ela fala á Lemos sobre o seu casamento com a maior frieza (página 30)

- Tomei a liberdade de incomodá-lo, meu tio, para falar-lhe de objetivo muito importante para mim.

-Ah! Muito importante?... repetiu o batendo a cabeça.

- De meu casamento! Disse Aurélia com a maior frieza e serenidade.

E ainda quanto ao fato de ela costumar dar preços aos homens, como se fossem objetos.

Assim é percebido logo nas primeiras páginas do livro, como é visto na página 12:

Assim costumava ela indicar o merecimento relativo de cada um dos pretendentes, dando - lhes certo valor monetário. Em linguagem financeira, Aurélia cotava seus adoradores pelo preço que razoavelmente poderiam obter no mercado matrimonial.

Como exemplo temos esse comentário, na página 13:

- É um moço muito distinto, respondeu Aurélia sorrindo; vale bem como noivo cem contos de réis; mais eu tenho dinheiro para pagar um marido de maior preço, Lísia; não me contento com esse.

É claro que nem todas as características incontáveis de Aurélia Camargo foram citadas, mas procuramos o fazer do modo mais abrangente possível, pois é difícil caracterizar esta mulher tão especial.

LEMOS

Nessa ocasião e no meio das risadas da menina, anunciaram o Sr. Lemos, que foi imediatamente introduzido na sala.

Assim é a introdução de Lemos à narrativa de Senhora. Lemos era um velho não muito diferente de muitos outros, possuía baixa estatura, era não muito gordo, mas rolho e bojudo como um vaso chinês. Possuía como características psicológicas mais superficiais, uma certa vivacidade, que combinava com seus olhos de azougue como é citado em sua apresentação na página 26:

Era o Sr. Lemos um velho de pequena estatura, não muito gordo, mais rolho e bojudo como um vaso chinês. Apesar de seu corpo rechonchudo tinha certa vivacidade buliçosa e saltitante que lhe dava petulância de rapaz, e casava perfeitamente com os olhinhos de azougue.

Lemos caracterizava-se também por ser um velho extremamente alegre, provido de boas risadas com é escrito pelo autor na página 26:

Logo à primeira apresentação reconhecia-se o tipo desses folgazões que trazem sempre um provimento de boas risadas com que se festejam assim mesmo.

Essa sua alegria característica, demonstrada alguma vezes, com pequenas ironias, e é acompanhado com outra pequena citação, na qual o próprio encarrega-se de fazer sobre as desculpas Bernadina sobre as suas constantes faltas:

Não escapou este pormenor ao Lemos, que pela solenidade da conferência avaliava de sua importância.

Com que história virá ela hoje? Dizia entre se o alegre velhinho.

Aurélia sentou-se à mesa de érable, convidando o tutor a ocupar a poltrona que lhe ficava defronte.

Era extremamente risonho quando encontrava-se em seu estado natural, como mostra a seguinte frase na página 34:

Quando voltou a seu lugar, o Lemos estava de todo restabelecido dos choques por que havia passado; e mostrava-se ao natural, fresco, titilante e risonho.

Lemos também caracterizava-se por ser uma pessoa extremamente confiante. Talvez quanto à isto, mostra-se apenas em companhia de Aurélia, como demonstra-o em sua conversa com a mesma sobre seu segredo, na página 34:

- Reflita bem, meu tio. Vou confiar-lhe meu segredo, um segredo que a ninguém neste mundo revelado, e que só Deus sabe. Se depois de conhecê-lo, o senhor não me quiser servir, ou não souber, eu jamais lhe perdoarei.

- Pode confiar em mim sem susto o seu segredo, Aurélia, que mostrar-me-ei digno dessa confiança.

- Creio Sr. Lemos, e para tirar-lhe qualquer escrúpulo que por acaso lhe assalte, lhe juro pela memória de minha mãe, que se há para mim felicidade neste mundo, é somente esta que o senhor me pode doar.

- Disponha de Mim.

Lemos era ainda um velho otimista, principalmente nos negócios que costumava fazer, e sabia perfeitamente conduzir uma transição, mesmo que estas não se acomode em bons resultados de início, como foi o caso da sua conversa com Seixas pelo dote de cem contos de réis oferecidos por Aurélia, como determina claramente a passagem na página 64:

Lemos Voltara satisfeito com o resultado de sua exploração. Era o velho um espírito otimista, mas à sua maneira; confiava no instinto infalível de que sua natureza dotou o bípede social para farejar seu interesse descobri-lo.

Além dessas suas características, Lemos era dotado de uma inteligência enorme, complementada de uma inteligência enorme, complementada por um extinto infalível e de uma extrema experiência. Tudo isto é comprovada do negociar o dote com Seixas e do perceber os primeiros resultados, como mostra na página 64, também:

- Não se recusam cem contos de reis, pensava ele, sem razão sólida, uma razão prática.

O Seixas não a tem; pois não considero como tal essas palavras ocas de tráfico e mercado, que não passam de um disparate.

E continuando sua conclusão institucional, na página 69 temos:

Assim convencido de que Seixas não tinha o que ele chamava uma razão sólida para rejeitar o casamento proposto, não vira Lemos ainda na primeira recusa senão um disfarce, ou talvez um impulso dessa tímida resistência, que os escrúpulos costumam expor à tentação. Esperava, pois, pela salutar revolução que dentro de poucos dias se devia operar nas idéias do mancebo.

E para confirmar esta alta experiência de Lemos e seu instinto infalível, ainda na página 65 apareciam os resultados da negociação:

Não sei como pensarão da filosofia social de Lemos; a verdade é que o velhinho não mostrou grande surpresa quando uma bela manhã veio dizer-lhe seu agente que o procurava um moço de nome Seixas..

SEIXAS -

Uma importante características de Seixas, talvez o que mais o difere dos outros homens da época, é o enorme contraste entre a sua vida social que levava na alta sociedade e vida que tinha em casa com sua família. Seixas era, apesar de não ser tão rico, um homem de classe, que possui bens caríssimos, só disponíveis as pessoas da mais alta sociedade. Quanto às suas características mais interiores, Seixas era fino, nobre, elegante, educado, extremamente inteligente,... todas essas características e outras serão mostradas e comprovadas a seguir:

A primeira característica percebida em Seixas é a sua nobreza, de quem nasceu para a alta burguesia. Ela é citada logo na sua apresentação, na página 41, que demonstra a divergência entre o mundo em que Seixas vive e o lugar que mora:

Um observador reconheceria nesse disparate a prova material de completa divergência entre a vida exterior e a vida doméstica da pessoa que ocupava esta parte da casa.

Se o edifício e os móveis estacionários de uso particular denotavam escassez de meios, senão extrema pobreza, a roupa e objetos de representação anunciavam um trato de sociedade, como só tinham cavalheiros dos mais ricos e francos da corte.

Foi assim que Seixas insensivelmente afez-se à dupla existência, que de dia em dia mais se destacava. Homem de família no interior da casa, partilhando com a mãe e as irmãs a pobreza herdada, tinha na sociedade, onde aparecia sobre si, a representação de um moço rico. (Pag. 50)

Seixas era um moço extremamente jovem e carinhoso, sabia perfeitamente como tratar as irmãs (que bajulavam-no a toda hora e brigavam ciumentas por ele), e apartava por diversas vezes, brigas entre as duas para agradar-lhe, como ocorre na página 46:

Seixas acompanhava com um sorriso de remoque, mas repassado de ternura e desvanecimento, a contestação das duas irmãs.

- Mas afinal que culpa tenho eu, Nicota, do que fez a senhora D. Mariquinhas? Não me dirás, menina?

- Não lhe acuso, mano. Alguém tem culpa de querer mais bem a uma pessoa do que a outra?

- Ciumenta! Exclamou Seixas."

"É este o ponto da queixa? Pois senhora D. Mariquinhas vá-se embora, que eu quero conversar outro tanto tempo com Nicota e com ela só. Está satisfeita? Assim fica bem paga?

Nicota sorriu, ainda entre o arrufo, como raio de sol através da nuvem.

- E o café

- Ah! Também temos o café? Pois, filha, vai buscar outra xícara que eu receberei com muito prazer das tuas mãos. E também me darás um charuto que eu fumarei até o meio em lugar desta ponta. Ainda falta alguma coisa?

A jovialidade de Seixas e o seu carinho não só desvaneceram as queixas da Nicota, como restabeleceram a cordialidade entre duas meninas, que se queriam extremosamente com afeto, só estremecido pelo ciúme do irmão mimoso. (Pág. 47).

Seixas era um daqueles homens que não batalhavam muito pelo que queriam, ficava sempre no determinado, sem força para romper com a rotina, como é mostrado na página 48 em:

Já estava no terceiro ano, e se a natureza que o ornara de excelentes qualidades lhe desse alguma energia e força de vontade, conseguiria ele vencendo pequenas dificuldades, concluir o curso, tanto mais como um colega e amigo, o Torquato Ribeiro, lhe oferecia hospitalidade até que a viuva pudesse liquidar o espólio.

Mas Seixas era desses espíritos que preferem a trilha batida, e só impelidos por alguma forte paixão rompem com a rotina.

Seixas era uma pessoa altamente fino e elegante, dotado de poderes por participarem da alta burguesia, como demonstra este parágrafo na página 49:

Que um moço tão bonito e prendado como o seu Fernandinho se vestisse no rigor da moda e com a maior elegância; que em vez de ficar em casa aborrecido, procurasse os divertimentos e a convivência entre dos camaradas; que em suma fizessem sempre na sociedade a melhor figura, era para aquelas senhoras não somente justo e natural, mas indispensável.

Fernando era ainda, muito dedicado à sua família, ajudando-a nas despesas de casa, como é visto na página 52:

O rendimento da caderneta da Caixa Econômica e dos escravos de aluguel andava em 1:500\$000 ou 125\$000 mensais. Como, porém a despesa da família subia a 150\$000, três senhoras supriam o resto com seus trabalhos de agulha e engomando, no que as ajudavam as duas pretas do serviço doméstico.

Ao tomar a direção dos negócios da casa, seixas fez uma alteração nesse regulamento. Declara que entraria 25\$000 que minguiavam, ficando as senhoras com todos os produtos de seu trabalho para as despesas particulares, no que ele ainda as auxiliaria logo que pudesse.

E preocupava-se com os problemas de suas irmãs, como acontece na página 51:

Mariquinhas, mais velha que Fernando, vira escoarem-se os anos da mocidade, com serena resignação. Se alguém se lembrava de que o outono, que é a estação nupcial, ia passando sem esperança de casamento, não era ela, mas a mãe, D. Camila, que sentia aperta-se-lhe o coração, quando lhe notava o desbote da mocidade.

Também Fernando algumas vezes a acompanhava nessa mágoa; mas nele breve a apagava o bulíço do mundo.

E a confiabilidade de Seixas, derivada de sua alta responsabilidade assume uma maior administração na sua casa, como temos nas páginas 51/52.

Quando Fernando chegou à maioridade, D. Camila nele resignou a autoridade que exercia na casa, e a administração do módico patrimônio que ficara por morte do marido, e que embora partilhado nos autos, ainda estava intato e em comunhão.

Aqui, acabamos o estudo das características psicológicas de Aurélia, Lemos e Seixas.

SENHORA - FATOS HISTÓRICOS

Algumas vezes, José de Alencar utiliza fatos que ocorreram na época para representar datas. Escolhemos dois exemplos desses fatos históricos dentre os quais destaca - se a candidatura de nosso escritor, como é visto neste trecho, da página 152:

Por essa época predispuseram-se as coisas para a candidatura que o nosso escritor sonhava desde muito tempo; e coincidindo elas com a partida da tal estrela nortista, lembrou-se Fernando de fazer uma excursão ero-político por Pernambuco, a expensas do Estado.

O outro fato histórico usado por José de Alencar nesta narração é a guerra do Paraguai, como é percebido neste outro trecho:

A formosa mulher atravessava a sala pelo braço do General Barão do T que para não desmentir o seu garbo marcial, fazia naquele momento de heroísmo superior ao que mostrava na guerra do Paraguai, onde havia sido um meio bayard.

CRÍTICAS ABORDADAS EM SENHORA

José de Alencar critica em Senhora em muitos trechos o modo como o dinheiro influía na sociedade da época (e ainda influi), utilizando para fazê-la, a sua personagem principal : Aurélia.

José de Alencar procurou mostrar como o dinheiro elevavam as pessoas por entre a alta sociedade, se o possuíam, e como rebaixavam - nas, se não o tinham, como mostra ao relatar a vida de Aurélia, a sua faze pobre e a sua ascendência após receber a herança de seu avô.

A narração do livro cita por várias vezes como Aurélia recorre ao pensamento de que todos rodeavam - na por causa do dinheiro que possuía, como é visto neste parágrafo na página 12:

Convencida de que todos os seus inúmeros apaixonados, sem exceção de um, a pretendiam unicamente pela riqueza, Aurélia reagia contra essa afronta, aplicando a esses indivíduos o mesmo estalão.

E ainda nesta revolta de Aurélia na página 107, no diálogo com Seixas:

- É então verdade que me ama?

-Pois duvida, Aurélia?

-E amou - me sempre, desde o primeiro dia que nos vimos?

-Não lho disse já?

-Então nunca amou a outra?

-Eu lhe juro, Aurélia. Estes lábios nunca tocaram a face de outra mulher, que não fosse minha mãe. O meu primeiro beijo de amor, guardei - o para minha esposa, para ti...(...)

- Ou para outra mais rica!...(...)

José de Alencar critica ainda as intrigas de amor entre as pessoas da sociedade da época, como a quetão do caça - dotes, visto também na mesma citação anterior, neste trecho:

"(...)- Ou para outra mais rica!...(...)"

Ainda relacionado com estas características da época, José de Alencar critica ainda, o modo como os pobres eram quase como excluídos da sociedade, da alta burguesia como é visto várias vezes na segunda parte do livro, quando Aurélia era pobre.

OUTROS PERSONAGENS

D.FIRMINA - mãe de encomenda de Aurélia que lhe fazia companhia nas festas e compras.

D.EMÍLIA - mãe de Aurélia e irmã de Lemos a quem este abandonou por ter-se casado com o Pedro Camargo.

PEDRO CAMARGO - pai de Aurélia e filho natural do fazendeiro Lourenço Camargo, que deixa, ao morrer, uma herança à neta, Aurélia.

ADELAIDE - rival de Aurélia, quando pobre, na disputa do Seixas. Acaba se casando com o Dr. Torquato Ribeiro que Aurélia habilmente lhe arranja.

TORQUATO RIBEIRO - moço bom e humilde que procurou ajudar Aurélia nos momentos difíceis, quando pobre.

EDUARDO ABREU - pretendente de Aurélia. Moço bom que custeou as despesas do enterro de sua mãe.

LÍSIA SOARES - amiga de Aurélia. Picante e um tanto fofoqueira.

